

Objetivo:

- Analisar a fisiologia do ser humano distinguindo-o da dos animais, ressaltando o compromisso do espírito na fase hominal. Distinguir os fenômenos espíritas das ações condicionadas dos animais.

Bibliografia:

LE - Livro II - Cap. 11 Os Três Reinos - item 2 Os Animais e o Homem - q. 592 a 610

LM - Cap. 22 A Mediunidade -itens 234 a 236

(*) Evolução Anímica - Gabriel Delanne - Cap. 2 A Alma Animal

(*) A espiritualidade dos animais - Marcel Benedeti

(*) Os animais têm alma? - Ernesto Bozzano

(*) A questão espiritual dos animais - Irvênia Prada

Aula Prática - Manifestação Mediúnica

Conceitos e definições:

MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS

A questão da mediunidade nos animais apareceu no tempo de Kardec e foi objeto de estudos e debates na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Tanto os Espíritos, quanto Kardec e a Sociedade Espírita consideraram o assunto como sem fundamento.

O animal pode ser considerado como o último elo da cadeia evolutiva que culmina no homem. Depois da Humanidade inicia-se um novo ciclo da evolução com a Angelitude (Reino Espiritual). Não há descontinuidade na evolução.

Tudo se encadeia no Universo, como acentuou Kardec.

A teoria doutrinária da criação dos seres, isto é, a Ontogênese Espírita (do grego: onto é ser; logia é estudo) revela o processo evolutivo a partir do reino mineral até o reino hominal.

Léon Denis a divulgou numa sequência poética e naturalista: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem".

Entre cada uma dessas fases existem faixas intermediárias, nas quais o ser guarda características da fase que está deixando, incorporando-se à próxima, sem que esteja plenamente caracterizado. Assim, a teoria espírita da evolução considera o homem como um todo formado de espírito e matéria. A própria evolução é apresentada como um processo de interação entre esses dois elementos.

Cada fase, definida num dos reinos da Natureza, caracteriza-se por condições próprias, como resultantes do desenvolvimento de potencialidades dos reinos anteriores. Só nas zonas intermediárias, que marcam a passagem de uma fase para a outra, existe misturas das características anteriores com as posteriores.

Por exemplo: entre o reino vegetal e o reino animal, há a zona dos vegetais carnívoros; entre o reino animal e o reino hominal, há a zona dos antropóides.

A teoria da evolução se confirma na pesquisa científica por dados evidentes e significativos.

O ponto de máximo absurdo nessa teoria da mediunidade nos animais é a aceitação de “incorporação” de espíritos humanos em animais.

As comunicações mediúnicas são possíveis somente no plano humano. A Natureza emprega os processos das formas no desenvolvimento das espécies animais e no crescimento das criaturas humanas, sempre no âmbito de cada espécie e segundo as leis das lentas variações da formação dos seres. Jamais o Espiritismo admitiu os excessos de imaginação que o fariam perder de vista as regras do bom senso e a firmeza com que avança na conquista dos mais graves conhecimentos de que a Humanidade necessita para prosseguir na sua evolução moral e espiritual.

As pesquisas parapsicológicas atuais demonstram a percepção extra-sensorial no animal que lhes permite perceber (enxergar, ouvir) vibrações de ondas não passíveis de serem captadas pelo sensorio humano.

Certas faculdades dos animais são agudas como a visão na águia e no lince, a do olfato e da audição nos cães, a da direção nas aves e animais marinhos; faculdades estas desenvolvidas na medida das necessidades de sobrevivência de certas espécies.

As nossas faculdades correspondentes são menos acentuadas, porque já possuímos outros meios para aferir a realidade, usando faculdades superiores de que temos maior necessidade no campo da evolução espiritual.

A percepção extra-sensorial é muito difundida no reino animal, e os espíritos incumbidos de zelar por esse reino, em certos casos podem excitar suas percepções para atender a circunstâncias especiais. Os casos de animais que se recusam a passar num trecho da estrada porque este é assombrado - segundo lendas, nada tem que ver com a mediunidade. Muitas vezes o animal se recusa porque percebeu não um espírito, mas sim a presença de uma serpente no mato.

Na Revista Espírita, Junho de 1860, pg 179, no artigo - O Espírito e o Cãozinho - é relatado o caso de um cão que percebia a presença do Espírito de seu dono, desencarnado havia pouco. É perguntado ao Espírito do rapaz por que meios o cão o reconhece, e ele responde:

“A extrema finura dos sentidos do cão”.

Posteriormente o Espírito Charles comunica-se explicando:

“A vontade humana atinge e adverte o instinto dos animais, sobretudo dos cães, antes que algum sinal exterior o revele. Por suas fibras nervosas o cão é colocado em relação direta conosco, Espíritos, quase tanto quanto com os homens: percebe as

aparições; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais ou terrenas, e lhes tem muito medo”.

“(...) Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido do que as suas sensações; ele vê menos do que sente; o fluido elétrico o penetra quase que habitualmente”.

Desse modo, compreendemos que o cão percebe a presença de Espíritos, não através da mediunidade, mas através da percepção peculiar acentuada e por ser, em princípio, constituído do mesmo fluido que os Espíritos.

Outros casos comentados são as aparições de animais - fantasmas. Na Revista Espírita - Maio de 1865, pg 125 a 129, é relatada a aparição de uma cachorra chamada Mika.

Será que o princípio inteligente, que deve sobreviver nos animais como no homem, possuiria, em certo grau, a faculdade de comunicação como o Espírito humano?

Posteriormente, é recebida a seguinte comunicação de um Espírito, sobre o assunto (transcrevemos parte dela):

“(...) Assim, a manifestação pode dar-se, mas é passageira, porque o animal para subir um degrau, necessita de um trabalho latente que aniquila, em todos, qualquer sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual, onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços (...)”.

“(...) que o animal, seja qual for, não pode traduzir seu pensamento pela linguagem humana, suas idéias são apenas rudimentares; para ter a possibilidade de exprimir-se como faria o Espírito de um homem, ele necessitaria ter idéias, conhecimentos e um desenvolvimento que não tem, nem pode ter. Tende, pois, como certo, que nem o cão, o gato, o burro, o cavalo ou o elefante, podem manifestar-se por via mediúnica. Os Espíritos chegados ao grau da humanidade, e só eles, podem fazê-lo, e ainda em razão do seu adiantamento porque o Espírito de um selvagem não vos poderá falar como o de um homem civilizado”.

As manifestações de fantasmas-animais não são naturalmente conscientes como as de criaturas humanas, mas são produzidas por entidades espirituais interessadas nessas demonstrações, seja para incentivar o maior respeito pelos animais na Terra, seja por motivos científicos.

Continuando nossa análise, recorreremos aos capítulos XIX e XXII de O Livro dos Médiuns e juntos, analisemos fatores que nos permitam compreender o papel dos médiuns nas comunicações, excluindo assim a possibilidade dos animais serem médiuns.

“(. ..) o fogo que anima os irracionais, o sopro que os faz agir, mover, e falar na linguagem que lhes é própria, não tem quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito em uma palavra, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem (...)”.

“(...) não mediunizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte. Precisamos sempre do concurso consciente ou inconsciente, de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares, o que não achamos nem nos animais nem na matéria bruta”.

O Sr. T..., diz-se, magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Matou-o, porquanto o infeliz animal morreu, depois de haver caído numa espécie de atonia, de langor, consequência de sua magnetização. Com efeito, saturando de um fluido haurido numa essência superior à essência especial da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre ele, embora mais lentamente, à semelhança do raio. Assim, não havendo nenhuma possibilidade de assimilação entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, nós os esmagaríamos imediatamente ao mediunizá-los.

Resumindo: os fenômenos mediúnicos não podem produzir-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que encontramos os que podem servir-nos de médiuns. Quanto a ensinar cães, pássaros e outros animais, para fazerem estes ou aqueles serviços, é problema vosso e não nosso. – “ERASTO”.

Assim concluímos ser a Mediunidade uma faculdade natural do Espírito. Querer encontrá-la nos animais significa não entender seu mecanismo, finalidade e função, ignorando-lhe a essência para só encará-la através dos efeitos. Os principais elementos que permitem o desabrochar dessa faculdade só apareceram no homem: a sensibilidade aprimorada ao extremo das possibilidades materiais, o psiquismo requintado e sutil, a afetividade elaborada aos impulsos da transcendência, a vontade dirigida por finalidades superiores, a mente racional e perquiridora, a consciência discriminadora e analítica, o juízo disciplinador e avaliador que avalia a si mesmo, a memória arquivada nas profundezas do inconsciente, o pensamento criador e dominador do espaço e do tempo, a intuição inata de Deus como o selo vivo e atuante do Criador na criatura.

A ALMA ANIMAL

O animal apresenta um perispírito peculiar a sua condição, variando em aspectos e complexidade, embora menos aprimorado que o da espécie humana.

Características mais comuns aos animais:

- Exercício de individualidade;
- Liberdade relativa;

- Ausência da consciência de si mesmos;
- Ao desencarnar, passam aos cuidados de Espíritos superiores (justificando o conceito de **alma-grupo**);
- Seguem a Lei de Progresso: os animais avançam degraus em uma escala evolutiva inferior à da **vida hominal**, mas evoluindo dentro de suas possibilidades;
- Progridem apenas pela força das **circunstâncias**, não por **vontade**, não havendo para si algum tipo de expiação (animais são desprovidos de **livrearbítrio**);
- Não podem igualar a inteligência do homem, pois o animal volta-se à sua subsistência e necessidades, enquanto sobre o homem incidem as peculiaridades da **vida moral**.

POR QUE NÃO HÁ MEDIUNIDADE NO ANIMAL

Características da Mediunidade:

- Contato de seres hominais: o comunicante (*desencarnado*) e o intermediário dos Espíritos (*quando encarnado*), através de seus corpos fluídicos;
- Médium é um facilitador da comunicação entre as esferas material e espiritual (*concentra-se e se prepara para ajustamento de vibrações*);
- Capacidade de envolvimento fluídico, afinidade, linguagem, arquivos mentais.

Mediunidade exige afinidade fluídica dos perispíritos do encarnado e do comunicante desencarnado, condição não suscetível aos animais.

Mediunidade é fenômeno inteligente, exige consciência e uma dimensão de inteligência que excede em muito os rudimentos que se apresentam nos animais.

"Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares, para vos alimentar, vos vestir, vos ajudar. Ele lhes deu uma certa dose de inteligência, porque, para vos ajudar, seria preciso compreenderem, e proporcionou sua inteligência aos serviços que são chamados a fazer; mas, em sua sabedoria, não quis que estivessem submetidos à mesma lei do progresso; tais como foram criados permanecem e permanecerão até a extinção de suas espécies." (**Kardec**, "O Livro dos Médiuns", it. 236)

FENÔMENOS ENVOLVENDO A PERCEPÇÃO ANIMAL

Os Espíritos podem se tornar visíveis e tangíveis para os animais, e muitas vezes o pavor súbito de que são tomados e que não vos parece motivado é causado por uma visão de um ou de vários Espíritos mal-intencionados para com os indivíduos presentes ou para com os donos desses animais.

A **mula de Balaão** (episódio narrado na Bíblia (Números, capítulo 22), em que um anjo aparece ao patriarca israelita que montava uma burrica), que, vendo um anjo diante dela e temendo sua espada flamejante, obstinava-se em não se mover; isso porque, antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quis se tornar visível apenas para o animal.

Os Espíritos não mediunizam diretamente nem os animais nem a matéria inerte; sempre lhes é preciso a participação consciente ou inconsciente de um médium humano, porque lhes é necessária a união de fluidos semelhantes, o que não encontram nem nos animais nem na matéria bruta. (**Kardec**, "*O Livro dos Médiuns*", it. 236)

"Para resumir: os fatos mediúnicos não podem se produzir sem a participação consciente ou inconsciente dos médiuns, e é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar aqueles que podem nos servir de médiuns. Quanto ao adestramento de cães, pássaros ou outros animais, para fazer estes ou aqueles exercícios, é vosso trabalho, não nosso." Erasto. (**Kardec**, "*O Livro dos Médiuns*", it. 236)